

VIBRAÇÃO

A ESCALADA DO SOM NA ARTE CONTEMPORÂNEA

3 TEXTO
INSTITUCIONAL

4 TEXTO
CURADORIA

6 VIRADA SÔNICA#1

7 VIRADA SÔNICA#2

8 VIRADA SÔNICA#3

9 VIRADA SÔNICA#4

37 ENGLISH

43 CRÉDITOS

SUMÁRIO

É com alegria que o Farol Santander apresenta a exposição *Virada Sônica: A escalada do som na arte contemporânea*, curada por Chico Dub e que reúne 26 obras criadas por 26 artistas que trabalham com esse tipo de suporte.

A mostra atende a vocação do Farol Santander em oferecer ao público visitante exposições inéditas e surpreendentes, instigando-o a pensar sobre as infinitas possibilidades da arte contemporânea.

Nesta exposição o espectador poderá vivenciar experiências sensoriais e auditivas e ao mesmo tempo “enxergar” a fisicalidade do som e seus fenômenos, encantando-se com a possibilidade plástica e estética que esse evento sonoro possibilita.

Desejamos a todos um ótimo passeio acústico visual!

Maitê Leite
Vice-Presidente Institucional



De acordo com um antigo ensinamento hindu chamado *Nada Brahma*, tudo no universo é som, pois, em termos simplificados, som é vibração e tudo vibra. Invisível, inodoro, onipresente, imersivo, o som é um meio para expressão artística como outro qualquer. Uma plataforma tão fascinante que não para de se expandir na arte e nos estudos acadêmicos.

Mudança de perspectiva que passa a valorizar os aspectos sonoros (ou auditivos) em diversas áreas, como música e ciências sociais, a “virada sônica”, termo cunhado e difundido por críticos e pesquisadores no final do século XX, envolve reconhecer a influência e a atuação do som, além de investigar seu efeito nas experiências humanas e no cotidiano.

Impulsionada pela virada sônica, a arte sonora manifestação artística que elenca o som como elemento principal ou que silenciosamente reflexiona sobre o áudio –, vem deixando de ser uma mera onda ou tendência para se solidificar como

expressão fundamental no campo das artes. Em exibição nos andares 24 e 23 do **Farol Santander**, a exposição coletiva *Virada Sônica: A escalada do som na arte contemporânea* exemplifica esse deslocamento de paradigma. Seus objetos, esculturas, vídeos, pinturas e instalações de um total de 26 artistas, tratam de abordagens como a fisicalidade do som e fenômenos acústicos, fonofotografias, sons inauditos, sonificação, paisagens e gambiarras sonoras, cosmofoonias, escuta profunda, e a ubiquidade do som e a utopia do silêncio.

De pioneiros a membros influentes da nova escola, *Virada Sônica* transforma o espaço do cubo branco em eventos sonoros participativos, desafiando expectativas e ampliando horizontes perceptivos. Mais do que uma mera apreciação estética, ao celebrar a potência do som, *Virada Sônica* expande o conceito de escuta, convidando-nos a entender que ouvir não é um ato apenas passivo, mas, sim, uma montagem ativa que nos conecta com o mundo ao nosso redor.

Chico Dub
idealizador e curador

ANTI RIBEIRO BELLA CHELPA FERRO CHRISTIAN MARCLAY
CHRISTINE SUN KIM CIANA CRACA DANIEL PALACIOS
DARYA EFRAT ESTEBAN VIVEROS FERNANDO IAZZETTA
FLORIANO ROMANO HARRY BERTOIA JOANA BURD
JOÃO DIAS OLIVEIRA JOHN CAGE JULIÁN JARAMILLO ARANGO
JULIA ROSSETTI MARCO SCARASSATTI NEGALÊ JONES
NICOLE L'HUILLIER PAULO BRUSCKY PV DIAS
RAFAEL LOZANO HEMMER RODRIGO RAMOS
SIMON FERNANDES VIVIAN CACCURI
TIGANÁ SANTANA YOKO ONO WALTER SMETAK

Ainda que o termo “virada sônica” seja relativamente novo, a presença do som em museus, galerias e centros culturais não é recente. Essa expressão, que redefine o estatuto da arte sonora no contexto e relação com as artes visuais, nos dá a liberdade de estabelecer alguns marcos fundamentais na história dessa relação. Elencamos quatro desses momentos-chave para acompanhar a fruição dessa exposição.

Antes da invenção do fonógrafo por Thomas Edison em 1877, a preservação dos sons dependia inteiramente da memória biológica e coletiva das comunidades. A capacidade de um dispositivo para gravar e reproduzir sons alterou radicalmente a relação entre espaço e tempo, permitindo que a fonte sonora e a sua sonoridade fossem dissociadas. Isso transformou o processo de transmissão de informações e revolucionou a percepção do mundo.

Com a chegada do gramofone ao mercado em 1894, o som começou, ainda que timidamente, a reverberar no até então silencioso mundo das artes plásticas: primeiro com Marcel Duchamp e os dadaístas, László Moholy-Nagy e a Bauhaus; depois com John Cage; em seguida, com Pierre Schaeffer e seus experimentos com vinil e fita na música concreta; posteriormente, com Nam June Paik e outros membros importantes do Fluxus, da arte conceitual e dos movimentos intermedia.

O século XX pode ser considerado o século do som, o período da audição: nunca antes tantos sons foram ouvidos e nenhuma outra era ofereceu tantas tecnologias para registrar esses sons. As máquinas de som espalharam ondas musicais, os ruídos urbanos aumentaram, os sons da vida cotidiana foram capturados, ampliados e transformados em obras musicais, surgindo o rádio, a televisão e o cinema. Houve uma transformação profunda na sensibilidade auditiva, na maneira como sons e escutas foram moldados por meios e mediações.

VIRADA SÔNICA #1:

A GRAVAÇÃO DO SOM

É notório pensar hoje em dia que 4'33" não é simplesmente uma "peça silenciosa", mas, sim, uma obra de arte cujo objetivo é a escuta do mundo. Em outras palavras, o trabalho mais famoso de John Cage, ao emoldurar o som ambiente de uma sala de concerto e sonoridades não intencionais, explode a estrutura da música aproximando-a da arte (conceitual, happening, multimídia, interativa, imersiva) e revela-nos, por intermédio de uma escuta atenta, que a música está em todos os lugares, que todos os sons são música.

Através de 4'33", Cage levanta a questão da escuta como componente ativo, talvez a preocupação mais essencial da música experimental em geral, oferecendo uma reflexão sobre as intenções por trás da composição. Para Cage, fazer música não é simplesmente criar um objeto fixo de atenção, mas, sim, envolver plenamente a audiência no ato da audição, tornando-a parte integrante da experiência sonora.

VIRADA SÔNICA #2:

MÚSICA POR TODO LADO

A possibilidade de trabalhar com o som oferece aos artistas finalmente o sonho de integrar todas as artes (Gesamtkunstwerk). Nos anos 1960, surge o conceito de instalação sonora e, nos anos 1980 e 1990, a sound art entra definitivamente no contexto de exposições individuais e coletivas, o que leva ao seu crescente reconhecimento e inclusão em importantes bienais.

Não há como negar que a arte sonora está vivendo seu auge na história. Em 2010, a escocesa Susan Philipsz venceu o Turner Prize, marcando a primeira vez que um artista trabalhando primariamente com o som foi selecionado para este prestigioso prêmio. Foi um marco e um reconhecimento tardio para o gênero, dando a impressão de que a vitória não era apenas dela, mas de toda a classe artística especializada. Apesar da longa história do meio, o Turner Prize certamente ajudou a aumentar a conscientização do público em geral.

Em um mundo da arte internacional dominado por obras visuais, o som sempre foi percebido como um meio desafiador e até mesmo estranho. Com o avanço das tecnologias digitais e a acessibilidade dos dispositivos de gravação, existem hoje em dia formas e meios ilimitados para moldar e manipular o som e levá-lo para além de seus limites. Ao celebrar a audição em nosso mundo predominantemente visual, a arte sonora nos encoraja a ouvir e expandir nossa imaginação.

VIRADA SÔNICA #3:

O BOOM DA ARTE SONORA

Se pesquisarmos a origem da arte sonora brasileira, todos os caminhos parecem convergir em Walter Smetak (1913-1984). O suíço naturalizado brasileiro trabalhou com a tríade instrumento-performance-plásticas sonoras, desenvolvendo diversas técnicas de luteria, escultura, instrumentos cinéticos, instalações interativas e improvisação. Smetak exerceu grande influência nos tropicalistas, especialmente em Tom Zé, por meio do uso de *ready-mades* de instrumentos domésticos, e em uma geração de artistas sonoros que surgiria posteriormente no país.

Décadas após, o que se destaca entre os artistas que mergulham na arte sonora do Brasil contemporâneo é uma notável diversidade em termos de gênero e raça, juntamente com a ampliação significativa dos interesses e temas explorados. *Virada Sônica: A escalada do som na arte contemporânea* representa um pioneiro esforço em mapear parte dessa vibrante e instigante produção.

VIRADA SÔNICA #4:

NOVISSIMA ARTE SONORA MADE IN BRAZIL



BELLACOMSOM

Antena-Oca, 2022

corte a laser sobre compensado de madeira, pregos, linha de costura, fio de cobre, varetas de ferro revestidas de cobre
vídeo – full HD 1080p, 4'53''

ACERVO ARTISTA

Antena Oca é um instrumento de escuta do invisível (ou do inaudito). Feito de folha de embaúba, capta sinais eletromagnéticos do ambiente e os converte em som. A artista sugere que com ele seja possível ouvir o que as raízes de uma floresta têm a nos contar, lembrando-nos da teia infinita de comunicação sem wifi – algo que a cidade, com seu processo civilizatório, insiste em nos fazer esquecer.

Chelpa Ferro

Ocos, 2024

caixas de som, amplificador,
mixer, microfones com suportes,
cabos e microfonia

ACERVO ARTISTAS



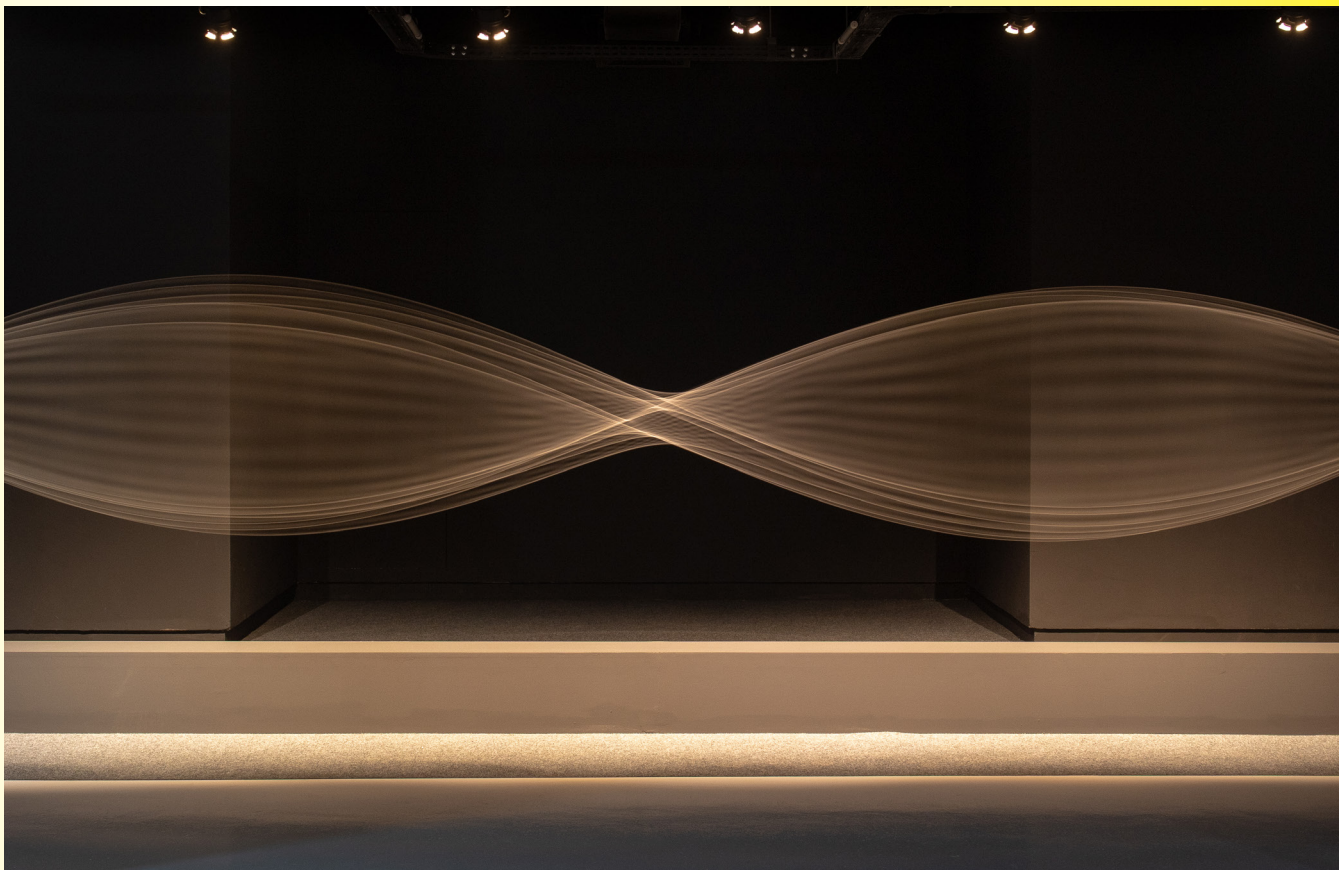
Composta por duas caixas de som,
explora o princípio físico da ressonância.
Uma das caixas, desprovida do falante,
contém um microfone que captura o
som do espaço vazio dentro dela e o
transmite para o falante da outra caixa.

Daniel Palacios

Waves, 2006/2007

instalação sinética interativa
COLEÇÃO PARTICULAR

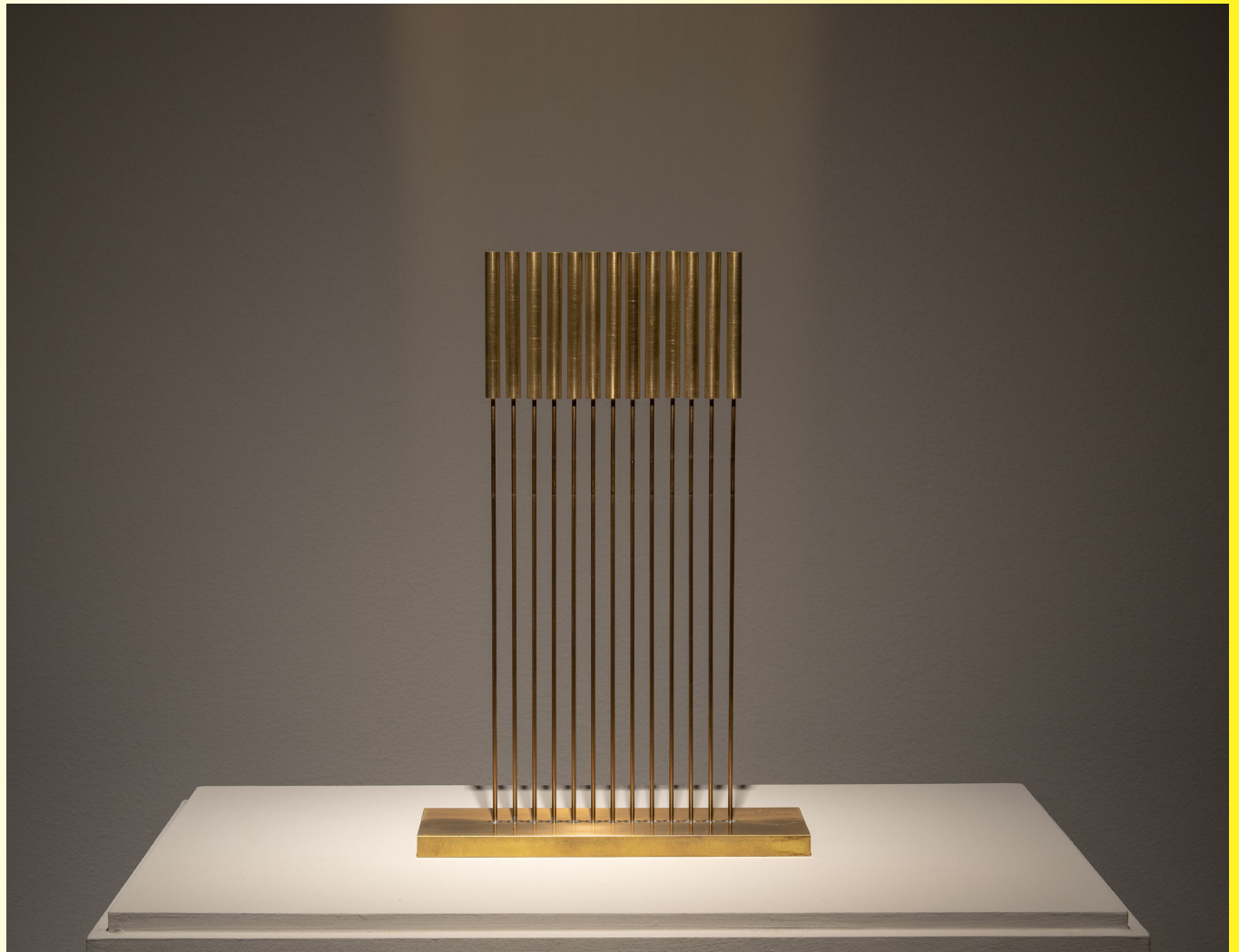
A instalação usa dois motores para oscilar um pedaço de corda, criando uma lembrança visual de uma forma de onda sonora, enquanto cria seu zumbido a partir do movimento da corda cortando o ar em diferentes velocidades. A instalação reage a quem a assiste. Quando o público se movimenta em torno dela, influencia os movimentos da corda, gerando ondas visuais e acústicas, desde padrões harmônicos até padrões complexos.



Harry Bertoia

Table Tonal III (réplica), 1978/2024

escultura sonora de cobre e latão
HARRY BERTOIA FOUNDATION

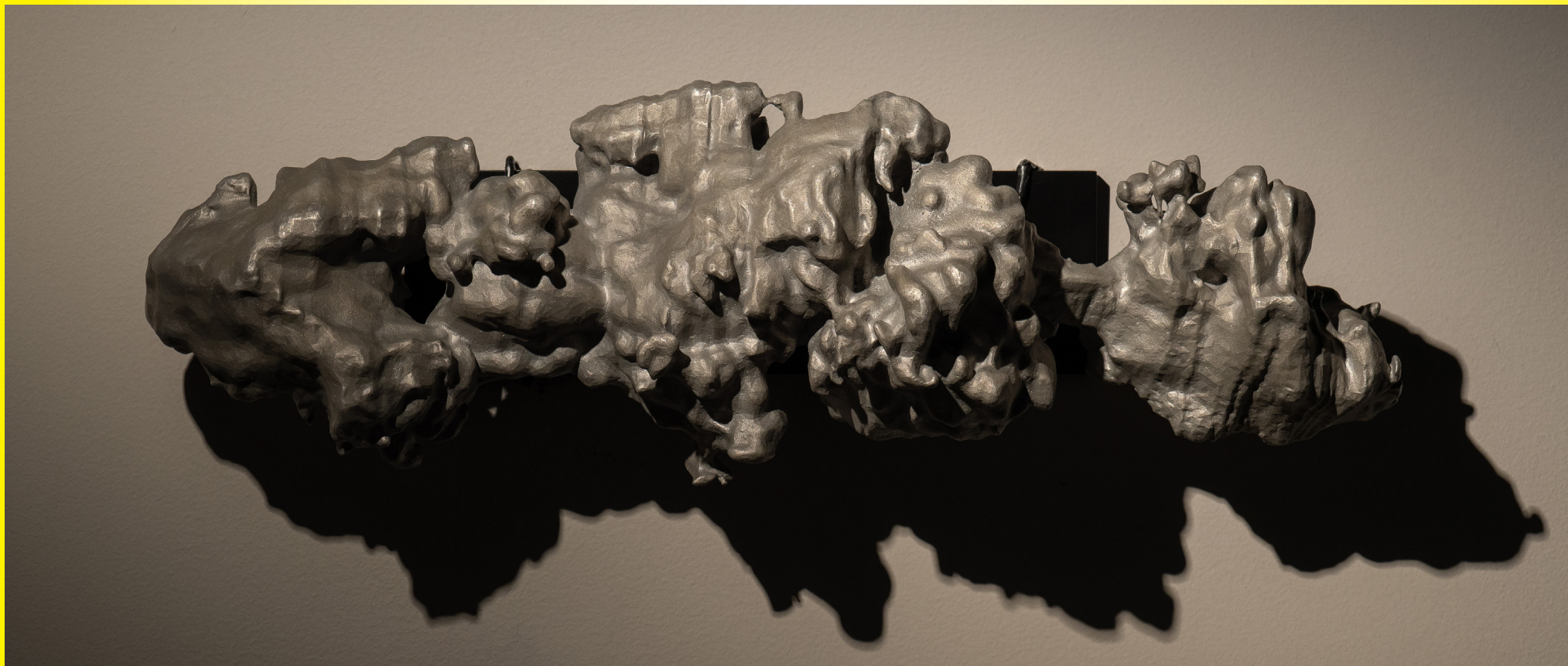


Harry Bertoia foi um dos pioneiros no uso de som como material escultórico. Utilizava as qualidades auditivas do metal vibratório para construir esculturas sonoras com propriedades estéticas, sonoras e cinéticas. A sonoridade tonal é relaxante, zen, meditativa.

Rafael Lozano-Hemmer
*Volute 1: Au Clair
de la Lune*, 2018

alumínio polido impresso em
3D, vídeo de tomografia
Volute 1: Au Clair de La Lune, 2016
por Rafael Lozano-Hemmer

No final do século XIX, *Au Clair de la Lune* se tornou a primeira gravação fonográfica da fala humana. Esta obra materializa a frase em uma impressão 3D, acompanhada por um vídeo de cortes tomográficos mostrando a nuvem em movimento. A respiração exalada é escaneada por um tomógrafo a laser, convertida em uma forma 3D e impressa em aço inoxidável. Inspirada na ideia de Charles Babbage, a peça explora a atmosfera como uma biblioteca de palavras do passado.





Christian Marclay *Ephemera: A Musical Score*, 2009

8 folhas, edição de 6/90, 10 AP fotografias:
Philippe De Gobert, Brussels Typography (caixa):
Laurent Benner, London Fotogravura: Patrick
Laurens, Brussels. Binding: Rozier, Gent.
Numerada e assinada pelo artista, produzida e
publicada por mfc-michèle didier, Brussels ©
Christian Marclay & mfc-michèle didier

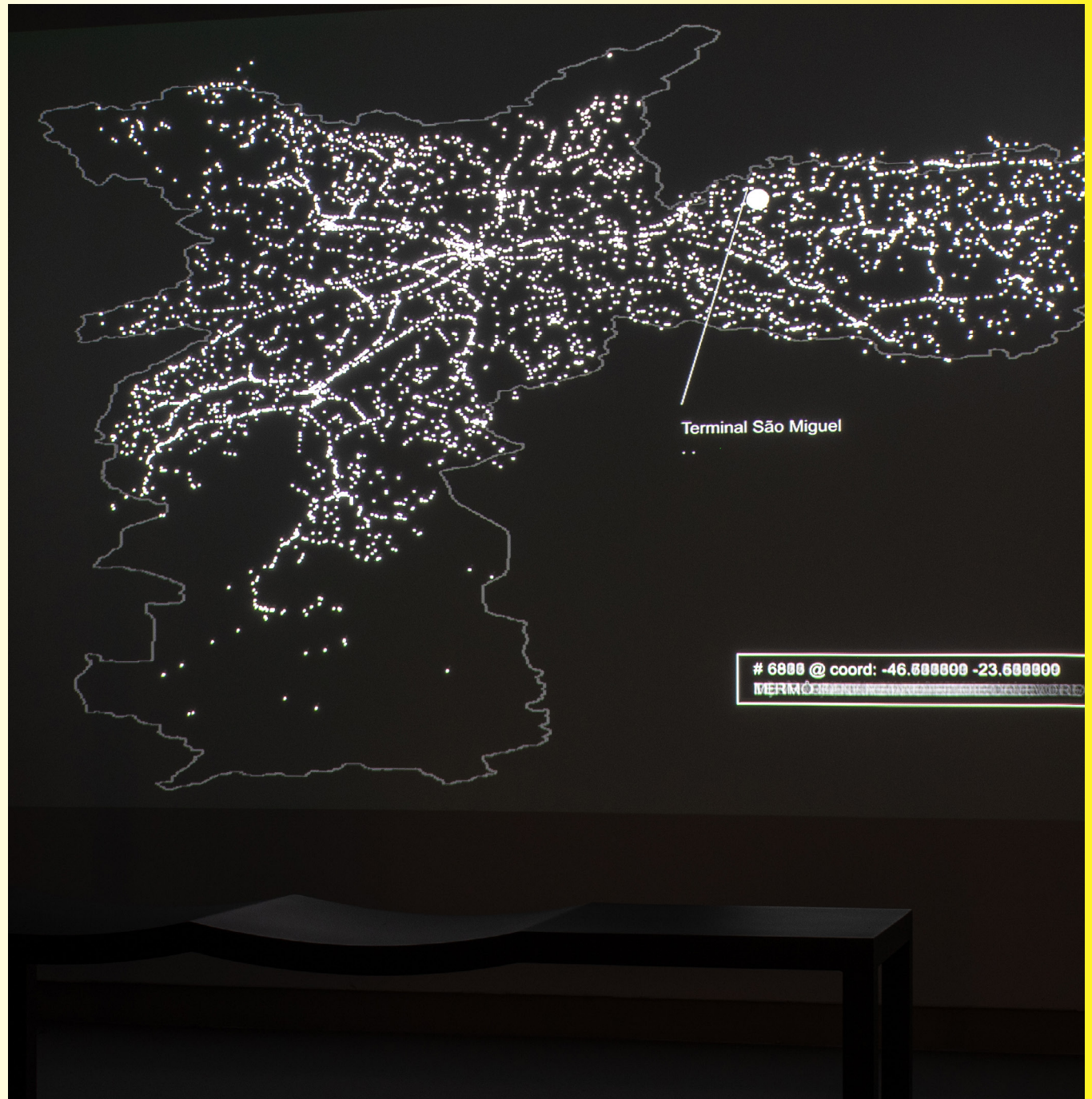
© CHRISTIAN MARCLAY. COURTESY PAULA COOPER
GALLERY, NEW YORK AND WHITE CUBE, LONDON.

Ephemera é o resultado da acumulação a longo prazo de notações musicais diversas recolhidas em anúncios, ilustrações, discos de vinil, menus, embalagens de doces etc. Essas efêmeras foram então montadas, fotografadas e reproduzidas em uma série de 28 folios. A partir desse conjunto de motivos impressos, o artista criou uma partitura musical que é destinada a ser tocada.

**Fernando Iazzetta,
Esteban Viveros,
Julián Jaramillo Arango**
Rush, 2024

videoinstalação

Trabalho de arte e ciência que utiliza a ferramenta da sonificação: o processo de transformar dados, sejam eles quais forem, em sons. *Rush* transforma em imagem acústica/arranjos sonoros os deslocamentos realizados durante uma semana de outubro de 2017 pelas linhas de ônibus que circulam na cidade de São Paulo.



Florianio Romano

Espreguiçadeiras Sonoras, 2016

objeto alterado, madeira, sistema de
som, gravação do mar de Ipanema, RJ
COLEÇÃO DO ARTISTA

Por meio de caixas embutidas, é possível ouvir o som do mar. Romano afirma que “a paisagem é uma emissão de ondas de luz, um fenômeno que está acontecendo no momento, e a paisagem sonora também. Mas a gente não tem o hábito da escuta, que é o objeto do meu trabalho”.



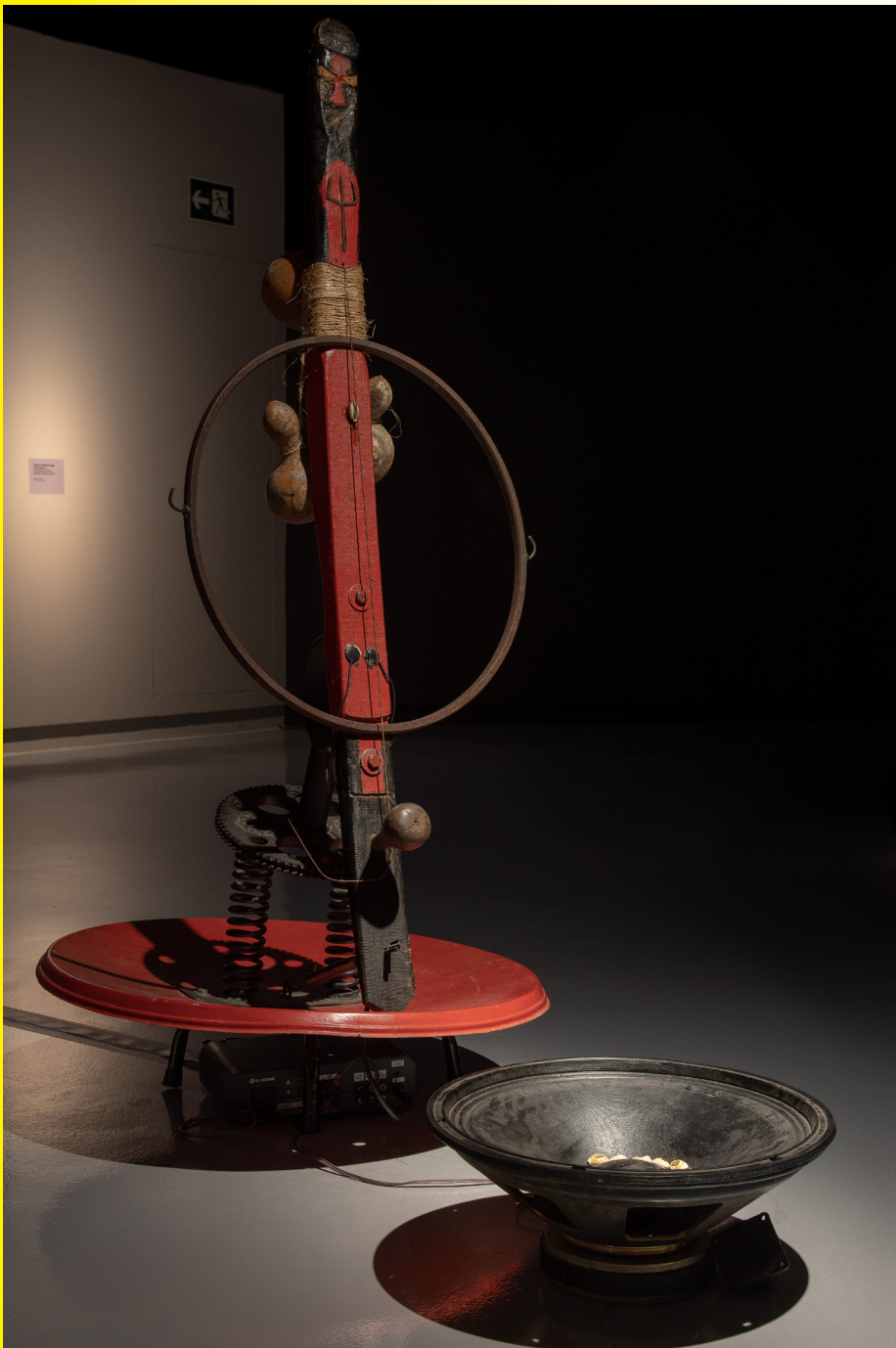
John Cage

4'33", 1953/2022

publicação
COLEÇÃO PARTICULAR



Partitura e vídeo-exemplo da peça 4'33', composição que não é apenas "silenciosa", mas que destaca a escuta do mundo. Ao emoldurar sons ambientes e não intencionais, Cage aproxima a música da arte conceitual, revelando que todos os sons são música. Ele ressalta a escuta ativa como essencial na música experimental, tornando a audiência parte integral da experiência sonora.



Ajítenà Marco Scarassatti Èsù, 2018

amplificador, altofalantes e cabaças
AJÍTENÀ MARCO SCARASSATTI

Objeto tridimensional inspirado no orixá de mesmo nome que, por meio de seus materiais, formas e movimentos, produz uma quarta dimensão: o som. Na metafísica iorubá, tudo que existe no mundo físico existe também no mundo espiritual. No trabalho de Marco Scarassatti, o que conecta esses mundos é a sonoridade produzida por cada objeto.

Negalê Jones

Encantadas, 2024

técnica mista

COLEÇÃO DO ARTISTA

Instalação com osciladores sonoros baseados no extrato de ervas e plantas usadas em encantamentos. Negalê Jones diz que há uma triangulação em seu trabalho de arte sonora envolvendo a natureza: o conhecimento contido nas plantas herdado dos povos originários, o que chegou ao Brasil com a diáspora, e aquele vindo da Europa. A instalação inclui circuitos que capturam e expressam a energia peculiar de ervas terapêuticas.



Paulo Bruscky

Música, 1978

frasco de vidro e sementes
COLEÇÃO FERNANDO ABDALA

Através de *Música*, Bruscky busca expandir o entendimento da música além das notas e melodias convencionais, propondo que qualquer som pode ser percebido como musical dependendo do contexto e da percepção.





Simon Fernandes *Não é o silêncio que se move I, 2018*

backlight com frente de
acílico gravado a laser

COLEÇÃO PARTICULAR CINTIA ROCHA

Gravações de áudio das manifestações de 2013 são convertidas e manipuladas em imagens, explorando o aspecto silencioso do som e sua transformação. A obra combina ouvir, programar (em JavaScript) e transduzir eventos sonoros para um meio físico. A tradução sonora para o visual foi intencionalmente tornada “ilegível” no código, ocultando características como duração e timbre.

Vivian Caccuri

Escutar é uma utopia 6,
2021

tela de proteção, linha de viscose, linha
de algodão, linha de poliéster, miçangas,
ilhós, fio encerado, alumínio e aço

COLEÇÃO MARIA JULIA

Nesta série, a orelha ganha destaque
por sua ligação com a audição e a
variedade de formas que pode ter.
A orelha nos traz sons indesejados e
caóticos, conduzidos indistintamente
e sobrepostos. Escutar é utópico, pois
ressalta a escuta como um compromisso
de abertura ao outro e ao mundo.

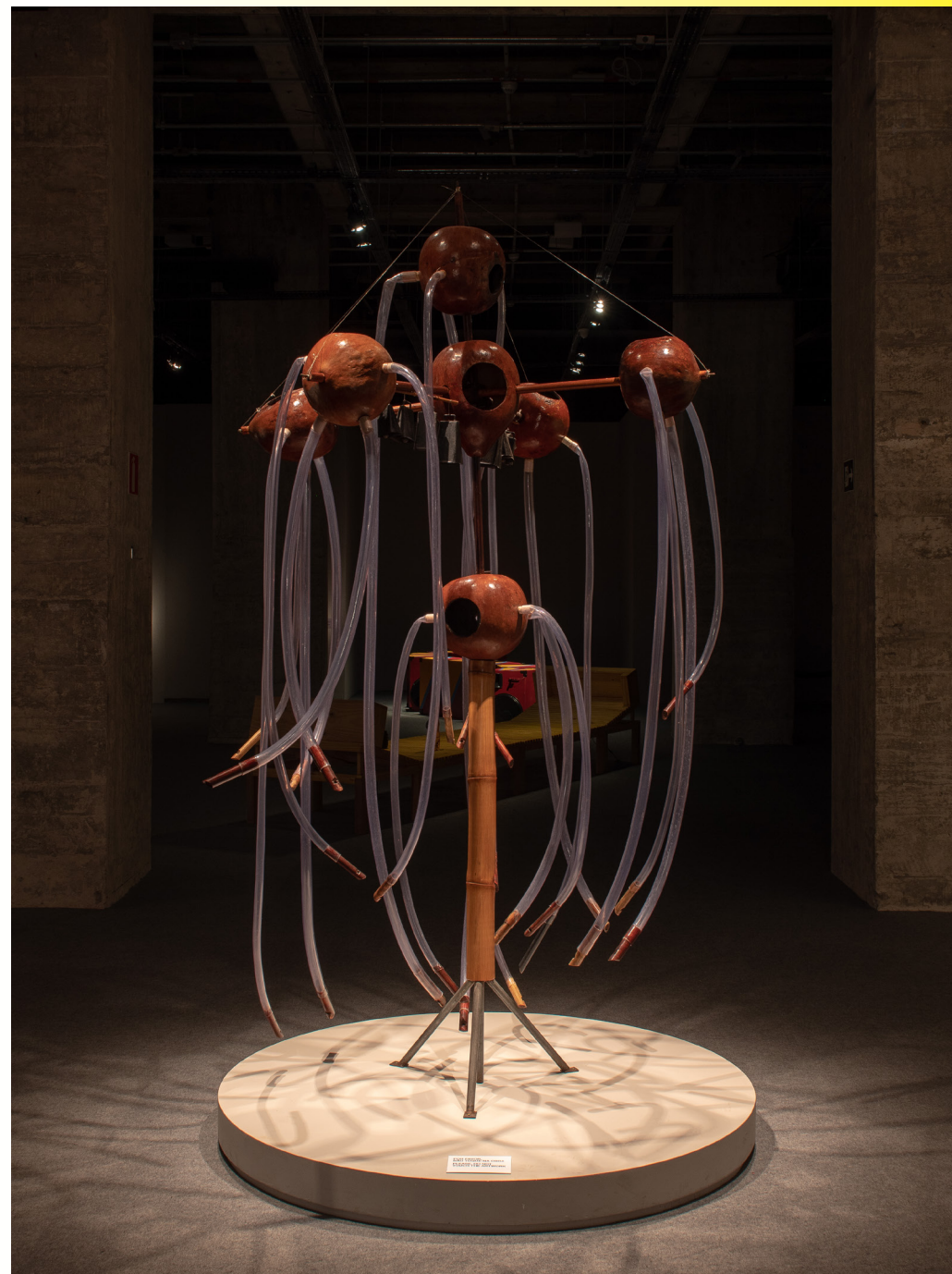


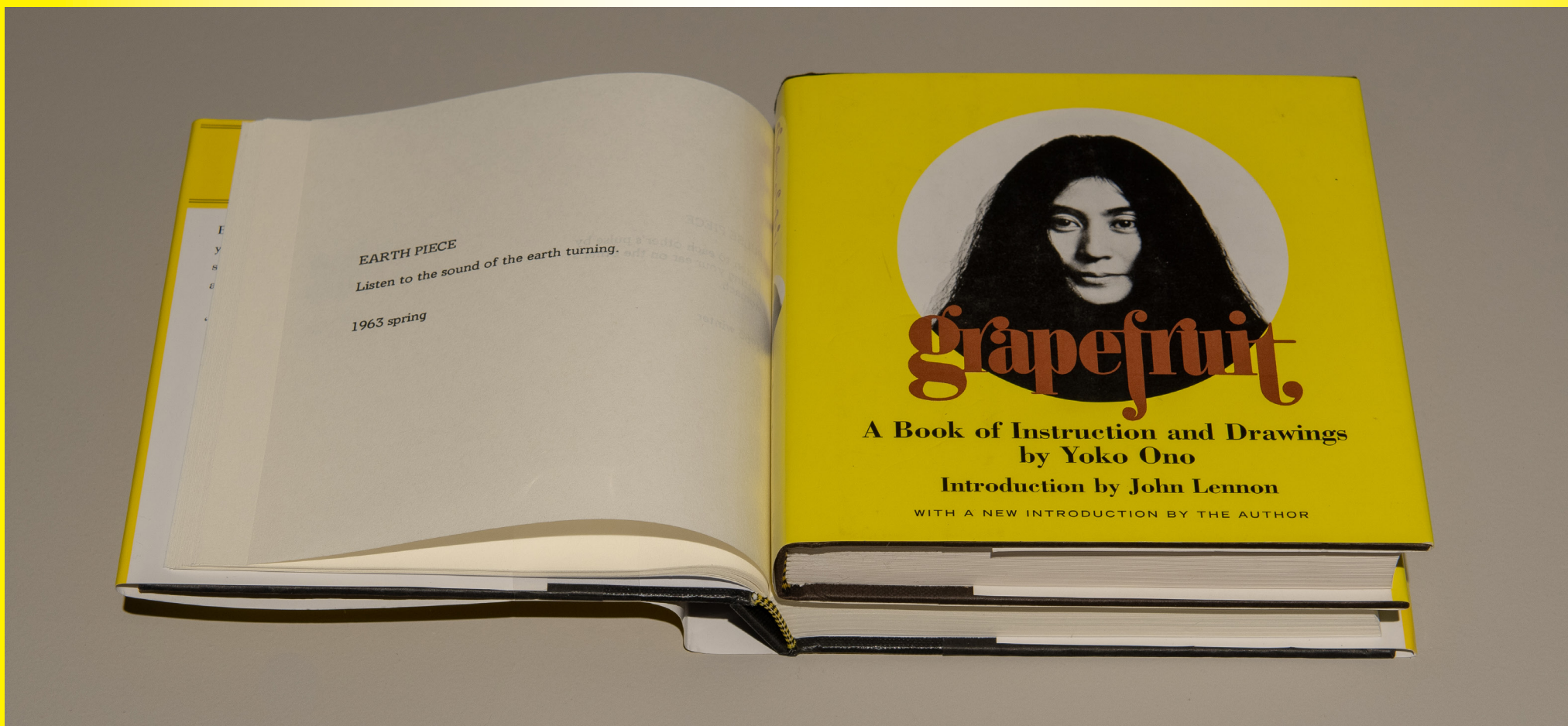
Walter Smetak

Pindorama, 1973

instrumento de som de
madeira, cabaça, plástico
IPAC — INSTITUTO DE PATRIMÔNIO ARTISTICO
E CULTURAL DA BAHIA

Instrumento original de Walter Smetak, projetado para até 60 músicos, é uma “plástica sonora” que transcende a escala musical tradicional para explorar a diversidade sonora. Interessado no “mistério do som” mais do que na música convencional, Smetak vê a improvisação como uma experiência transcendental e ritualística, em que o tempo se torna fluido e circular, combinando elementos modernos e arcaicos.





Yoko Ono
***EARTH PIECE: Listen
to the Sound of the
Earth Turning, 2000***

publicação
COLEÇÃO PARTICULAR

Obra de arte conceitual e participativa,
uma das muitas instruções da artista,
sobre ouvir o som do planeta girando.

Anti Ribeiro

Uivo, 2021

escultura sônica
COLEÇÃO PARTICULAR



Instalação sonora no escuro, em que diferentes tipos de som (segundo a artista, “vozes”), convidam a uma escuta e relação com o que não é aparente.

Anti Ribeiro realizou essas gravações – passos, vozes, árvores, pássaros, conversas, água – em um bairro de Recife chamado Várzea, em terras que foram ocupadas pelos Malunguinhos, antigas lideranças quilombolas, para posteriormente moldá-las, como o barro, em distintas distorções plásticas.

**Christine Sun Kim
com Jeffrey Mansfield,
Ariel Baker-Gibbs,
Alison O'Daniel,
Lauren Ridloff
Close Readings, 2015**

vídeo de quatro canais, 25"53'

Neste trabalho, os vídeos têm o áudio desligado, mas apresentam legendas. Em cada um deles, um colaborador com deficiência auditiva comenta, em texto, sobre a qualidade das legendas, destacando como muitas vezes são mal-feitas ou incompletas. A série expõe as limitações e omissões das legendas convencionais, que muitas vezes não capturam a totalidade da informação sonora ou a riqueza da comunicação verbal. A parte superior da tela fica desfocada para encorajar os espectadores a se tornarem leitores.





Ciana
Beat Bolha, 2023

madeira, vidro, cabos, caixa de som e *led*
COLEÇÃO DA ARTISTA

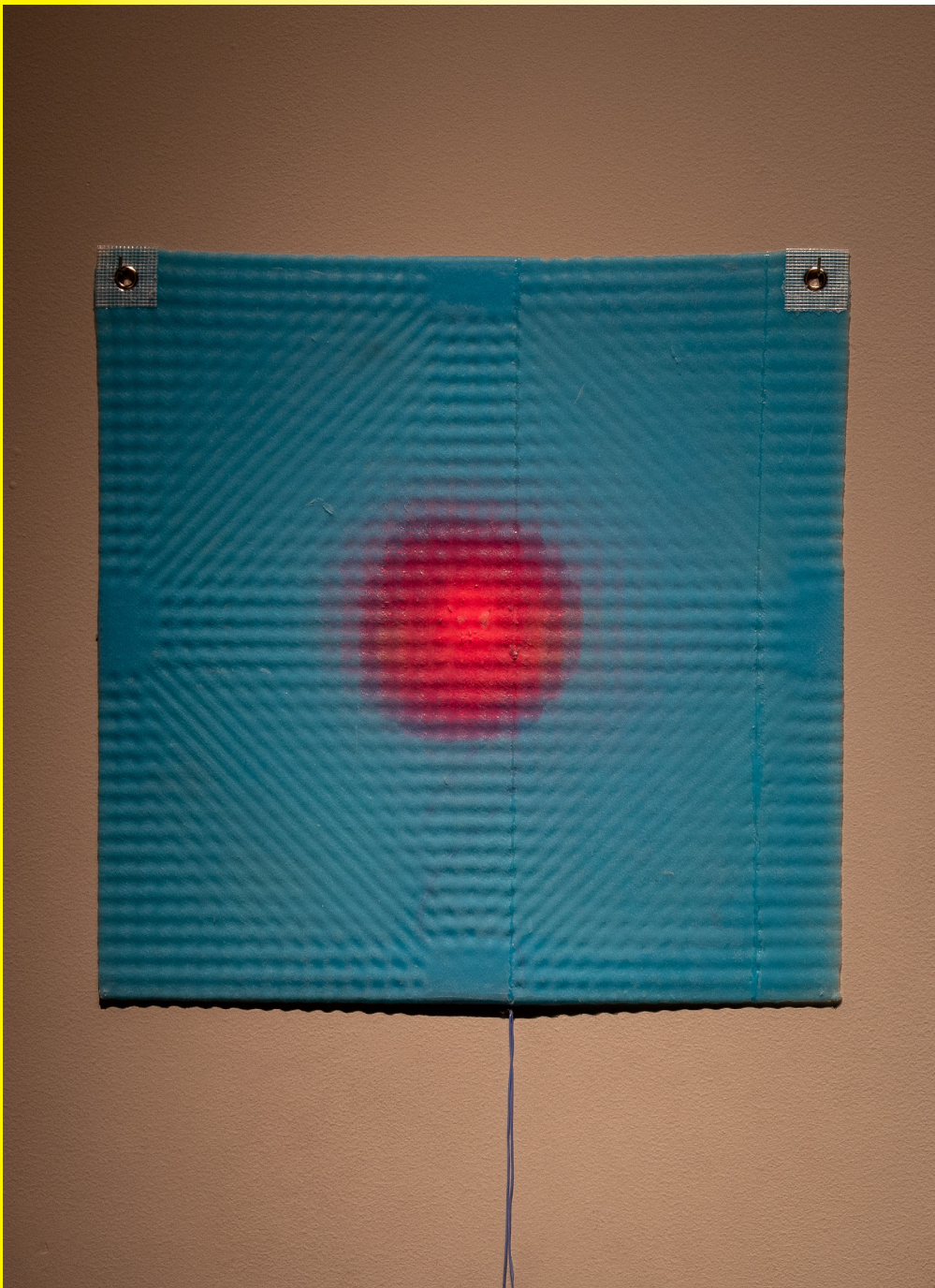
Instalação sonora com caixa, portal de madeira e vidro, na qual o som sai da água reservada no interior da obra. Reflete a pesquisa da artista usando o “*beat bolha*” (subgênero do funk que utiliza sons de água/bolha na construção das batidas) para pensar a ancestralidade no funk e as influências da travessia atlântica dos povos negrodescendentes na sonoridade de favela.

**Darya Efrat,
Joana Burd e
João Dias-Oliveira**
Earthpulse, 2024

instalação tátil

Instalação sonora participativa por meio de uma esteira elevada com piso de grama e caixas de som de baixas frequências escondidas embaixo da superfície. Utilizando dados em tempo real de abalos sísmicos, a vibração é sentida corporal e coletivamente, lembrando-nos que a Terra é um organismo vivo no qual habitamos e cuja energia e comportamento alteramos constantemente.





Nicole L'Huillier

Cuchicheos (Stereo), 2024

Instalação sonora – membranas de silicone, zumbadores piezoelétricos, amplificador e cabos de silicone

Cuchicheos foi originalmente comissionado pela Kunsthalle Baden Baden (2022) e esta versão é um fragmento da peça original.

Trabalho que explora a sintonia com a alteridade, ouvindo histórias sussurradas em línguas desconhecidas, baseado no poema “A contadora de contos”, de Gabriela Mistral. Utilizando alto-falantes suaves e mecanismos polifônicos, confunde fronteiras e significados para reorganizar realidades por meio de experiências poéticas e vibratórias. A peça propõe novas traduções, que desafiam a lógica linear da linguagem, utilizando gravações tecnológicas e leituras algorítmicas para revelar significados ocultos em sons e ruídos.

PV Dias

*Cobra Grande Sound
(Vermelha, Verde, Azul
e Amarela), 2023*

tinta acrílica, alto-falante, circuito
sonoro na primeira caixa, madeira,
parafuso e plástico + pendrive)

COLEÇÃO DO ARTISTA

Instalação sonora composta por uma
mistura de tecnobregas do Pará, *cumbias*,
zouks e outros sons fronteiriços com o
Caribe. Utilizando caixas de som, que
fazem referência a uma imponente cobra
mítica, a obra evoca o mito do Norato
ou Cobra Grande, presente em diversas
cidades amazônicas. Segundo a lenda, essa
serpente gigantesca vive sob a terra e, em
determinados momentos, se movimenta,
fazendo tremer a cidade que está sobre ela.



Tiganá Santana

ILÊS, AYÊS, CARNAVAIS E ANCESTRAIS, 2023

instalação sonora com expografia constituída por tecidos lisos (vermelhos, amarelos e pretos) e tecidos com estampas temáticas do Ilê Aiyê; esteiras; palhas-da-costa; almofadas; tambor do Ilê Aiyê; caixas de som; spots de luz; cortinas pretas

ACERVO ARTISTA

Instalação sonora que reverencia o primeiro bloco afro do Brasil, fundado 50 anos atrás. Agremiação carnavalesca originária de um Terreiro de Candomblé, o Ilê Aiyê possui uma abordagem estética que mistura elementos litúrgico-musicais, visuais e performativos, influenciando a cultura de Salvador e do Brasil.





Rodrigo Ramos
Espelho Sonoro, 2017

escultura em alumínio e PVC
OBRA DE RODRIGO RAMOS

A obra amplia a percepção dos ambientes urbanos e naturais pela escuta, inspirada em localizadores sonoros da Primeira Guerra Mundial. Esses dispositivos, semelhantes a “conchas acústicas”, localizavam aviões, navios e tanques. Rodrigo Ramos propõe desanestesiar os ouvidos e reavivar o prazer de perceber sons rotineiros, dando-lhes novo significado e forma de ouvir.

Craca Beat

Audiowall, 2024

tijolos, altofalantes, players e trilha musical

COLEÇÃO DO ARTISTA

Se as paredes têm ouvidos, por que não alto-falantes? *Áudio Wall* é uma obra de arte conceitual ou funcional: um paredão de som constituído por alto-falantes embutidos. É uma ideia para quem quiser experimentar viver numa casa realmente musical, funcionando como uma espécie de engenharia do absurdo para a construção civil dos dias de hoje.



Jeffrey & Miriam Eger

Sonambients – A Escultura Sonora de Harry Bertoia, 1973

vídeo – 16 minutos

HARRY BERTOIA FOUNDATION

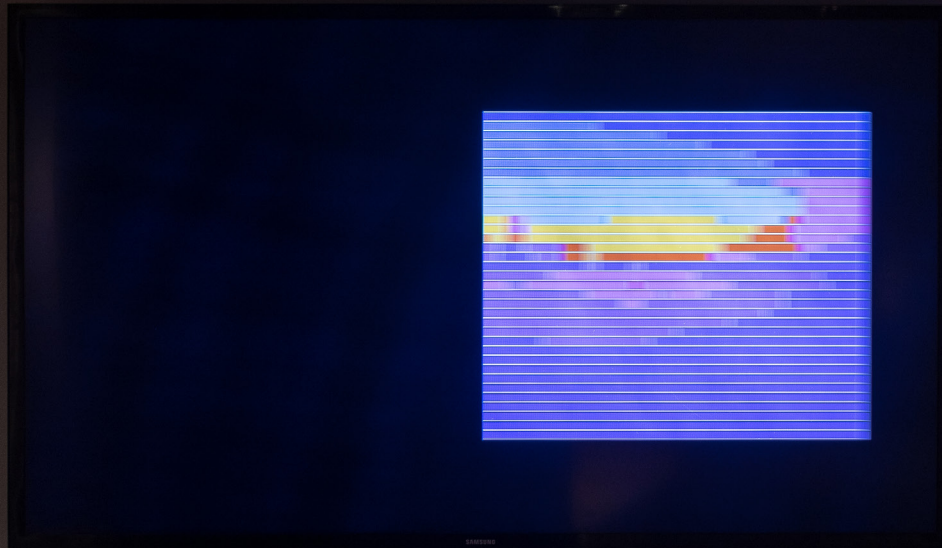
Harry Bertoia foi um dos pioneiros no uso de som como material escultórico. Utilizava as qualidades auditivas do metal vibratório para construir esculturas sonoras com propriedades estéticas, sonoras e cinéticas. A sonoridade tonal é relaxante, zen, meditativa.



Julia Rossetti
*Cartões-Postais
Sonoros (Exercícios
para Reconstruir o
Pôr do Sol), 2021*

vídeo – 5 minutos

COLEÇÃO DO ARTISTA



Julia Rossetti realiza projetos nos quais implementa a transcodificação de imagem para som. Bordados em ponto-cruz baseados em fotografias do pôr do sol no Rio Paraná são transformados em som por intermédio de um *software* de sonificação, criando uma representação auditiva dessas imagens, como se fossem postais sonoros. O vídeo que acompanha a obra inclui áudios de relatos dos moradores locais durante a pandemia.

It is with great joy that Farol Santander presents the exhibition **The Sonic Turn - the surge of sound in contemporary art**, curated by Chico Dub and combining 30 pieces created by 20 artists who work with this type of media. The exhibition fits with Farol Santander's vocation for offering the visiting public surprising, unprecedented exhibitions, instigating them to think about the infinite possibilities of contemporary art. In this exhibition, spectators will be able to engage in sensory and auditory experiences and at the same time "see" the physicality of sound and its phenomena, being enchanted by the visual and aesthetic possibilities that this auditory event enables. We wish you all a great visual acoustic tour!

Maitê Leite
Institutional Vice President
Santander

THE SONIC TURN: THE SURGE OF SOUND IN CONTEMPORARY ART

According to an ancient Hindu teaching known as Nada Brahma, everything in the universe is sound, because, in simplified terms, sound is vibration and everything vibrates. Invisible, odorless, omnipresent, immersive, sound is a medium for artistic expression like any other. A platform so fascinating that it continues to expand in art and academic studies.

A shift in perspective that comes to value sonic (or auditory) aspects in several areas, such as music and social sciences, the "sonic turn," a term coined and disseminated by critics and researchers in the late 20th century, involves recognizing the influence and performance of sound, in addition to investigating its effect on human experiences and daily life.

Driven by the sonic turn, sound art – an artistic manifestation that employs sound as the main element or that silently reflects on the audible – has ceased to be a mere fad or tendency, solidifying itself as a fundamental expression in the field of the arts. On display on the 23rd and 24th floors

of **Farol Santander**, the collective exhibition *The Sonic Turn: The surge of sound in contemporary art* exemplifies this paradigm shift. The objects, sculptures, videos, paintings and installations produced by a total of 28 artists deal with such approaches as the physicality of sound and acoustic phenomena, phonophotography, sounds never heard before, sonification, soundscapes and sonic hackery, cosmophonies, deep listening, the ubiquity of sound and the utopia of silence.

From pioneers to influential members of the new school, *The Sonic Turn* transforms the space of the white cube into participatory sound events, challenging expectations and broadening perceptual horizons. More than a mere aesthetic appreciation, by celebrating the power of sound, *The Sonic Turn* expands the concept of listening, inviting us to understand that listening is not just a passive act, but rather an active assembly that connects us with the world around us.

Chico Dub
creator and curator

SONIC TURN NO. 1: THE RECORDING OF SOUND

Although the term “sonic turn” is relatively new, the presence of sound in museums, galleries and cultural centers is not recent. This expression, which redefines the status of sound art in its context and relationship with the visual arts, gives us the freedom to establish some fundamental milestones in the history of this relationship. We have listed four of these key moments to accompany the enjoyment of this exhibition.

Before the invention of the phonograph by Thomas Edison in 1877, the preservation of sounds depended entirely on the biological and collective memory of communities. The ability of devices to record and reproduce sounds has radically altered the relationship between space and time, allowing for a dissociation between the source of a sound and its sonority. This transformed the process of transmitting information and revolutionized the perception of the world.

With the arrival of the gramophone on the market in 1894, sound began, albeit timidly, to reverberate in the hitherto silent world of the visual arts: first with Marcel Duchamp and the Dadaists, László Moholy-Nagy and the Bauhaus; then with John Cage; then with Pierre Schaeffer and his experiments with vinyl and tape in concrete music; later on with Nam June Paik and other important members of Fluxus, part of the conceptual art and intermedia movements.

The 20th century might be considered the century of sound, the period of hearing: never before were so many sounds heard and no other era had offered so many technologies to record these sounds. Sound machines spread musical waves, urban noise increased, the sounds of everyday life were captured, amplified and transformed into musical works with radio, television and cinema emerging. There was a profound transformation in auditory sensitivity, in the way sounds and listening were shaped by means and mediations.

SONIC TURN NO. 2: MUSIC EVERYWHERE

It is notable to think that nowadays 4'33" is not simply a “silent piece,” but rather a work of art whose purpose is to listen to the world. In other words, by framing the ambient noise of a concert hall and unintentional sounds, John Cage's most famous work explodes the structure of music, bringing it closer to art (conceptual, happening, multimedia, interactive, immersive) and reveals to us, through attentive listening, that music is everywhere, that all sounds are music.

Through 4'33", Cage raises the issue of listening as an active component, perhaps the most essential concern of experimental music in general, offering a reflection on the intentions behind the composition. For Cage, making music is not simply creating a fixed object of attention, but rather fully involving the audience in the act of listening, making it an integral part of the sonic experience.

SONIC TURN NO. 3: THE SOUND ART BOOM

The possibility of working with sound finally offers artists the dream of integrating all the arts (*Gesamtkunstwerk*). In the 1960s, the concept of the sound installation emerged, and in the 1980s and '90s, *sound art* definitively entered the context of solo and group exhibitions, leading to its growing recognition and inclusion in the major biennials.

There is no denying that sound art is experiencing its heyday in history. In 2010, Scottish artist Susan Philipsz won the Turner Prize, the first time that an artist who works primarily with sound was selected for this prestigious award. It was a milestone and a belated recognition for the genre, giving the impression that the victory was not only hers, but that of the entire specialized artistic class. Despite the medium's long history, the Turner Prize has certainly helped raise awareness of it among the general public.

In an international art scene that is dominated by visual works, sound has always been perceived as a challenging and even strange medium. With the advance of digital technologies and the accessibility of recording devices, nowadays there are unlimited ways and means to shape and manipulate sound and take it beyond its limits. By celebrating the auditory in our predominantly visual world, sound art encourages us to listen and expand our imagination.

SONIC TURN NO. 4: BRAND NEW SOUND ART MADE IN BRAZIL

If we research the origin of Brazilian sound art, all paths seem to converge upon Walter Smetak (1913-1984). The Swiss-born naturalized Brazilian citizen worked with the auditory triad of instrument-performance-visual, developing various techniques of luthiere, sculpture, kinetic instruments, interactive installations and improvisation. Smetak heavily influenced the *tropicalistas*, especially Tom Zé, in the use of ready-mades of domestic instruments, and a generation of sound artists that would later emerge in the country.

Decades later, what stands out among artists immersing themselves in the sound art of contemporary Brazil is a remarkable diversity in terms of gender and race, along with the significant broadening of interests and themes explored. *The Sonic Turn: The surge of sound in contemporary art* represents a pioneering effort to survey part of this vibrant and thought-provoking production.

Anti Ribeiro – Uivo [“Howl”]

Sound installation in the dark, in which different types of sound (“voices,” according to the artist) invite listening and a relationship with what is not apparent. Anti Ribeiro made these recordings – footsteps, voices, trees, birds, conversations, water – in a neighborhood of Recife called Várzea, on lands that were occupied by the Malunginhos, former quilombola leaders, to later shape them, like clay, into different visual distortions.

Bella – Antena Oca [“Hollow Antenna”]

Antena Oca is an instrument for listening to the invisible (or unheard). Made of Cecropia leaf, it captures electromagnetic signals from the environment and converts them into sound. The artist suggests that, with it, it is possible to hear what the roots of a forest have to tell us, reminding us of the infinite web of communication without wifi – something that the city, with its civilizing process, insists on making us forget.

Chelipa Ferro – oco [“hollow”]

Composed of two speaker boxes, it explores the physical principle of resonance. One of the boxes, devoid of a speaker, contains a microphone that captures the sound of the empty space inside it and transmits it to the speaker in the other box.

Christian Marclay – Ephemera

Ephemera is the result of the long-term accumulation of diverse musical notations collected from advertisements, illustrations, vinyl records, menus, candy wrappers, etc. These ephemera were then assembled, photographed and reproduced in a series of 28 folios. From this set of printed motifs, the artist created a musical score that is intended to be performed.

Christine Sun Kim – Close Readings

In this work, the sound on the videos is turned off, but they have subtitles. In each of them, a hearing impaired collaborator comments, in text, on the quality of the subtitles, highlighting how they are often poorly done or incomplete. The series exposes the limitations and omissions of conventional subtitles, which often do not capture the totality of audible information or the richness of verbal communication. The top of the screen is blurred to encourage viewers to become readers.

Ciana – Beat Bolha [“Beat Bubble”]

Sound installation with box, wooden and glass portal, in which the sound comes out of the water stored inside the work. It reflects the artist’s research employing the “beat bolha,” or “beat bubble” (a subgenre of baile funk that uses sounds of water/bubbles to construct the beats) to think about ancestry in baile funk and the influences of the Atlantic crossing of black people in the sounds of the favela.

Craca – Audio Wall

If the walls have ears, why not loud speakers? Audio Wall is a conceptual or functional work of art: a sound wall made up of imbedded loud speakers. It’s an idea for those who want to experience living in a truly musical house, functioning as a kind of engineering of the absurd for the contemporary construction market.

Daniel Palacios – Waves

The installation uses two motors to oscillate a piece of rope, creating a visual reminder of the shape of a sound wave, while creating its hum from the movement of the rope cutting through the air at different speeds. The installation reacts to whoever is watching it. When the audience moves around it,

they influence the rope's movements, generating visual and acoustic waves, from harmonic patterns to complex patterns.

Esteban Viveros, Fernando Iazzetta and Julián Jaramillo Arango – Rush

A work of art and science that uses the tool of sonification: the process of transforming data, whatever it may be, into sounds. Rush makes acoustic image/sound arrangements out of the routes traveled by the bus lines that circulated in the city of São Paulo in one week in October 2017.

Floriano Romano – Espreguicadeiras Sonoras [“Sound Sun Loungers”]

Through the built-in speakers, it is possible to hear the sound of the ocean. Romano states that “the landscape is an emission of light waves, a phenomenon that is taking place at the moment, and the soundscape as well. But we don't have the habit to listen to it, which is the object of my work.”

Harry Bertoia – Sonambient

Harry Bertoia was one of the pioneers in the use of sound as sculptural material. He used the auditory qualities of vibrating metal to build sound sculptures with aesthetic, sound and kinetic properties. The tonal sound is relaxing, zen, meditative.

Darya Efrat, Joana Burd and João Dias-Oliveira – Earth Pulse

Participatory sound installation by means of an elevated mat with grass floor and low-frequency speakers hidden beneath the surface. Using real-time seismic data, vibration is felt in the body and collectively, reminding us that the Earth is a living organism which we inhabit and whose energy and behavior we are constantly changing.

John Cage – 4'33”

Score and video example of the piece 4'33', a composition that is not only “silent,” but which highlights the world's listening. By framing ambient and unintentional sounds, Cage brings music closer to conceptual art, revealing that all sounds are music. He stresses active listening as essential in experimental music, making the audience an integral part of the auditory experience.

Julia Rossetti – Postales Sonoras [“Audible Postcards”]

Julia Rossetti executes projects in which she implements image-to-sound transcodification. Cross-stitch embroideries based on photographs of the sunset on the Paraná River are transformed into sound through sonification software, creating an auditory representation of these images, as if they were sonic postcards. The accompanying video includes audio reports from local residents during the pandemic.

Marco Scarassatti – Exú

Three-dimensional object inspired by the eponymous orisha which, through its materials, forms and movements, produces a fourth dimension: sound. According to Yoruba metaphysics, everything that exists in the physical world also exists in the spiritual world. In Marco Scarassatti's work, what connects these worlds is the sonority that each object produces.

Negalê Jones – Encantadas [“Enchanted”]

Installation with sound oscillators based on the extract of herbs and plants used in spells. Negalê Jones says that there is a triangulation in his sound art work involving nature: the knowledge contained in the plants inherited from the original peoples, that which arrived in Brazil with the diaspora and that which comes from Europe.

The installation includes circuits that capture and express the peculiar energy of therapeutic herbs.

Nicole L'Huillier – Cuchicheos [“Whispers”]

Work that explores the synchrony with otherness, listening to stories whispered in unknown languages, based on the poem “A contadora de contos” [“The teller of stories”] by Gabriela Mistral. Using soft loud speakers and polyphonic mechanisms, it blurs boundaries and meanings to rearrange realities through poetic and vibratory experiences. The play proposes new translations, which challenge the linear logic of language, using technological recordings and algorithmic readings to reveal meanings hidden in sounds and noises.

Paulo Bruscky – Música [“Music”]

In Música, Bruscky seeks to expand the understanding of music beyond conventional notes and melodies, proposing that any sound can be perceived as musical depending on context and perception.

PV Dias – Cobra Grande Sound (Red, Green, Blue and Yellow)

Sound installation composed of a mixture of technobregas from the Brazilian state of Pará, cumbias, zouks and other sounds that border on the Caribbean. Using speakers which reference an imposing mythical snake, the work evokes the myth of Norato or Cobra Grande, present in several Amazonian cities. According to legend, this gigantic serpent lives underground and, at certain times, moves, shaking the city above it.

Rafael Lozano Hemmer – Au Clair de la Lune

In the late 19th century, Au Clair de la Lune became the first phonographic recording of human speech. This work materializes the phrase in a 3D print, accompanied by a video

of tomographic cuts showing the cloud in motion. The exhaled breath is scanned by a laser tomographic scanner, converted to a 3D form and printed on stainless steel. Inspired by Charles Babbage's idea, the piece explores the atmosphere as a library of words from the past.

Rodrigo Ramos – Espelho Sonoro [“Sound Mirror”]

The work amplifies the perception of urban and natural environments through listening, inspired by the sound locators of World War I. These devices, similar to “acoustic shells,” located airplanes, ships and tanks. Rodrigo Ramos proposes to deanesthetize the ears and revive the pleasure of perceiving everyday sounds, giving them a new meaning and way of hearing.

Simon Fernandes – Não é o silêncio que se move [“It is not silence that moves”]

Audio recordings of the 2013 demonstrations are converted and manipulated into images, exploring the silent aspect of sound and its transformation. The work combines listening, programming (in JavaScript) and transducing sound events to a physical medium. The translation of the audible into the visual was intentionally made “illegible” in the code, hiding characteristics such as duration and timbre.

Vivian Caccuri – Escutar é uma Utopia 6 [“Listening is a Utopia 6”]

In this series, the ear stands out for its connection with hearing and the variety of shapes it can have. The ear brings us unwanted and chaotic sounds, conducted indistinctly and overlapping. Listening is utopian, as it emphasizes hearing as a commitment to openness to the other and to the world.

Tiganá Santana – Ilê, Aiyê, Carnavais e Ancestrais [“Ilê, Aiyê, Carnivals and Ancestors”]

Sound installation that pays homage to the first African Carnival block in Brazil, founded 50 years ago. A Carnival-related association originating from a Candomblé Terreiro, Ilê Aiyê has an aesthetic approach that mixes liturgical-musical, visual and performative elements, influencing the culture of Salvador and Brazil.

Yoko Ono – EARTH PIECE: Listen to the Sound of the Earth Turning

Work of conceptual and participatory art, one of the artist's many instructions about listening to the sound of the planet spinning.

Walter Smetak – Pindorama

Walter Smetak's original instrument, designed for up to 60 musicians, is a “visual sound” that transcends the traditional musical scale to explore sonic diversity. Interested in the “mystery of sound” more than conventional music, Smetak sees improvisation as a transcendental and ritualistic experience, in which time becomes fluid and circular, combining modern and archaic elements.

SANTANDER BRASIL

Presidente
Mario Leão

Vice-presidente executiva institucional
Maitê Leite

Head - Experiências & Cultura
Bibiana Berg

FAROL SANTANDER SÃO PAULO

Head - Faróis Santander São Paulo e Porto Alegre e Coleção Santander Brasil
Carlos Eugênio Trevi

Especialista - Exposições
Danielle Domingues

Especialista - Eventos
Catiuscia Michelin

Especialista - Comunicação
Gustavo Rosa Favaro

Estagiária
Giovanna Lagoeiro Nunes

Jovem Aprendiz
Gustavo Almeida da Silva

Gestão Predial
Barbara Rema
Tools Digital Services

Caio Guimarães
Geany Xavier
Cushman Wakefield

Manutenção Predial e Missão Crítica
Anderson Carvalho
Tools Digital Services

Manutenção Predial
Adair Fernando
Adelmo Cavalcanti
Anesio Sanches
Cláudia Ricci
Daniel Bruno
Diogo Wiliam

Edilson Patricio
Evandson Vieira
Francisco Wanderson
Jovenilson Figueiredo
Magno de Oliveira
Marcio Alexandre
Marcio Calvacante
Mauro Silva Marques
Wilson José
In Haus

Rafael Esteves
Rian Pereira Santos
Manserv

Áudio e Vídeo
Marcelo Nunes
Quézia Sales Alexandrino
Empresa SEAL

Coordenadoras de assistentes culturais
Joelma Lopes da Silva
Vanessa Cristina Rosa dos Santos
Sympla

Assistentes culturais
Ana Clara Dantas Beserra
Azeni Lucas dos Santos
Beatriz Vieira dos Santos
Breno Tavares
Carvalho Nogueira
Ettore Thierry de Lima Leite
Fernanda Muniz
Damasceno Jorge
Francielle Aparecida Custódio
Hellen Sousa Gomes de Oliveira
Jane Cleide da Luz Modesto
João Victor de Brito
Jonathan Aguiar Cruz
Jose Eduardo Nogueira de Oliveira
Lucas Miguel de Almeida
Sympla

Especialista de Segurança
Renato Ferreira dos Santos

Supervisor de Segurança
Edson Costa
Grupo Espartaco

Inspetor de Segurança
Helio Gonçalves da Silva
Grupo Espartaco

Bombeiros, vigilantes e controladores de acesso
Alexandre Antonio da Silva
Alex Saraiva Belo
Alisson Gabriel Tavares Pina
Allan Vital da Silva
Alysson Luiz da Silva
Ana Claudia da Silva
Antonio José Nunes da Silva
Antonio Raimundo
C. de Jesus
Beatriz Almeida dos Santos
Carlos Alexandre Jesus
Danilo Pereira Belo
Denis Franciscus Alves Silva
Diego Michel Freire Santos
Douglas Lopes da Silva
Edson Andre da Silva
Elaine C. Silva Moreira
Emiliano da Silva
Fabiana X. dos S. Nascimento
Felipe Adorno Ikeda
Flavio de Oliveira Lobo
Gianluca Ribeiro Galli
Gilmar Santana Hipólito
Gilmara Santana
Gleison da Silva Souza
Guilherme Castelo Teixeira
Iranilson Candido Silva
Jean Paulo Martins Santos
Jesilene Lopes de Morais
Josenil Sandes Santos
Leandro Bueno
Lucas Guzzo Pereira
Lucas Nogueira Rodrigues
Luiz Felipe Correia de Freitas
Luiz Fernando Inacio Silva
Matheus Ferreira de Araujo
Nádia Aleixo de Souza
Patricia Rossi Bronze
Pedro Cremildo de Souza
Rafael dos Santos Ferreira
Rita de Cassia Silva
A. da Costa
Rodrigo Faustino Miranda
Sebastião Arodo de Lima
Sebastião Rabelo da Silva
Sergio Carrara
Sidney Costa de Lima
Sinatiely Lorena da Silva Avelino
Tarciso do Vale Santos
Tiago Oliveira de Souza
Ulisses Caetano de Oliveira
Victor Hugo Lima de Souza
Vinicius Alexandre R. Leitão
Vinicius Maturchi Santos
Grupo Espartaco

Recepção
Gisele Cristina Batista de Oliveira
Luana Ferreira de Paula
Verônica Alves
Santos da Silva
Empresa OSESP Serviços

Coordenação de Limpeza Predial
Daniela Mayumi
Fabiana Silva de Jesus
Marcia Cardoso dos Santos
Grupo GPS

Limpeza Predial
Aliciene Lopes
Amarildo Assunção
Anna Paula Ferraz
Carolina Beatriz
Edilene Silva
Elaine Cristina de Almeida
Elizabeth Maria do Nascimento
Elizeu França
Erika Anielle
Gilvan Augustinho
Jaqueline Pereira
Jefferson de Oliveira
Joana Darc
Joselita Nascimento
Josiane Jesus
Keyla Beatriz Ribeiro
Luciene Serafim
Maria Eliane
Nancy Mara
Nathally Weida Dias Pereira
Raimunda Nonata
Raimundo Clerio
Renata Patricia Gomes
Renato Bessa
Rodrigo Santana
Tainara Caetano
Valdenice Costa
Valeria Adriana
Wesley Serafim
Grupo GPS

VIRADA SÔNICA: A ESCALADA DO SOM NA ARTE CONTEMPORÂNEA

Concepção e Curadoria
Chico Dub

Organização Geral
GWA

Produção Executiva
Angela Magdalena
Julia Brandão

Cenografia
Jeanine Menezes
Estúdio GRU

Design Gráfico
Tereza Bettinardi

Assistente
Gustavo André

Concepção Logo Sonoro e Instalação de luz
Leandro Lima
Sergio Santos

Projeto de Iluminação
Mauro César
Sergio Santos

Coordenação de Montagem
Agnes Rosa
Sergio Santos
Primeira Opção

Montagem
Daniel Nogueira de Lima
Daniela Oliveira Guimarães
Éderson José de Abreu
Pedro Pizante Millan

Montagem Tiganá Santana
Quilombo Cenografia

Montagem de luz
MMV

Montagem de áudio e vídeo
Primeira Opção

Execução da Cenografia
Cenotech

Impressões e Plotagens
Criart

Museologia
Ângela Freitas

Revisão de Textos
Cícero Oliveira

Tradução de Textos
Matt Rinaldi

Assessoria de Imprensa
Marra Comunicação

Ação Educativa
Joseph Motta
Arte Próspera

Mediadores
Alexys Tomoyo
Andrea Almeida Massarotto
Braian Albuquerque dos Santos
Camila Campos
Carlos Eduardo de Almeida Barboza
Cindy Kawabe
David Mota e Silva
Eliane Teruel
Gabriel Alencar
Leonardo Sampaio
Muriel Alessandra
Theo Yano

Gestão Financeira
Agni Alos
Nelma Alos
Tatiane Monteiro

Seguro
DIETL
Hasenkamp
Howden Brasil
Logística e Transporte
Millenium Transportes
PACART
Tti International Art Services

Despacho Aduaneiro
Macimport

MIRADA SÔNICA

A ESCALADA DO SOM NA ARTE CONTEMPORÂNEA



PATROCÍNIO



ORGANIZAÇÃO



PRODUÇÃO



REALIZAÇÃO

